

## MEDICINA TRADICIONAL: TERAPIA INDÍGENA NO ESTADO DO ACRE

### TRADITIONAL MEDICINE: INDIGENOUS THERAPY IN THE STATE OF ACRE

Melquior Brunno Mateus Matos <sup>1</sup>, Mônica da Silva Nunes<sup>1</sup>

1 Centro de Ciências da Saúde e Desporto da Universidade Federal do Acre.

**RESUMO** - A população indígena do Acre tem forte influência no Estado, sendo assim, este artigo de revisão da literatura evidencia os métodos de terapia indígena, bem como sua medicina tradicional. Assim, como o Estado do Acre tem considerável população indígena, totalizando 14 etnias e ainda são tidos como componentes do sistema de saúde DSEI do Estado do Acre os jamamadi e apurinã do Estado do Amazonas e kaxarari do Estado de Rondônia. A medicina tradicional indígena advém de plantas, ervas, animais, rituais, músicas, espiritualidades, e das crenças sobre a floresta ao redor da aldeia. As formas de terapias para o tratamento de enfermidades, as quais normalmente acometem os indígenas em seu meio de convívio, são focadas na produção dos "remédios da mata". O objetivo desta revisão foi efetuar um levantamento do conhecimento existente sobre a medicina tradicional indígena das etnias, partindo de dados publicados em diferentes meios de comunicação. Foram então levantados dados de artigos científicos, teses, livros e matérias da internet de livre acesso. Foi encontrada pelo menos uma fonte de informação sobre cada etnia considerada.

**PALAVRAS CHAVE:** População indígena, Medicina tradicional, Acre

**ABSTRACT** - The indigenous population of the state of Acre, has strong influence in the state, therefore this literature review article highlights the indigenous methods of therapy as well as traditional medicine. As well as the state of Acre has considerable indigenous population, totaling 14 races and still has as health system component DSEI Acre state, are still considered the jamamandi and Apurinã the state of Amazonas and Kaxarari the state of Rondonia. The traditional indigenous medicine comes from plants, herbs, animals, rituals, songs spirituality, belief and the forest around the village. Then the forms of therapies for the treatment of diseases, which usually affect the natives in their way of life, which produces "the forest remedies". The purpose of this review was to conduct a survey of existing knowledge on traditional indigenous medicine of the ethnic groups, based on data published in different media. It was then raised Scientific articles data, theses, books, Materials of the free internet access. With evidence of the difficulty of obtaining clarity with materials, we tried to emphasize in order to cover much of published materials, but still makes up consciousness of this article may not be covering all disclosed data. However, this article includes the release of several sources for research or media that demonstrate the most comprehensive in published data. It was found, at least one source of information about each ethnic considered.

**KEY WORDS:** Indigenous Population, traditional medicine Acre.

**Autor para correspondência:**

Prof. Dra Mônica da Silva Nunes. E-mail: [msnunes1@yahoo.com.br](mailto:msnunes1@yahoo.com.br)

## INTRODUÇÃO

No Brasil, os povos indígenas somam 896.917 pessoas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística<sup>1</sup>. Destes, 324.834 vivem em cidades e 572.083 em áreas rurais, o que corresponde aproximadamente a 0,47% da população total do país. A população indígena no Estado do Acre é de 17.578 pessoas. Estão distribuídas entre 14 povos: apolina-arara, arara do Rio Amônia, arara shawãdawa, ashaninka (kampa), katukina pano, kaxinawá (huni kui), kulina (madijá), manchineri, nawa, nukini, poyanawa, shanenawá, jaminawá e yawanawá-arara. Além desses, em questões relativas à saúde ainda devemos considerar o povo kaxarari de Rondônia, que está próximo à fronteira e é atendido pela CASAI (Casa de Saúde e Apoio Indígena) no Estado do Acre. No Estado do Amazonas temos os jamamandis e apurinãs, os quais

também são atendidos na CASAI do Estado do Acre<sup>2</sup>.

A medicina tradicional indígena advém de plantas, ervas, animais, rituais, músicas, espiritualidades, e crenças sobre a floresta. Assim como Renato Antonio Gazzi afirma em sua tese de mestrado, ocorre o cultivo de hortas dentro das aldeias, o que favorece a criação de farmácias vivas dentro da comunidade, levando a prática xamânica a prosperar e à cura de enfermidades<sup>3,4</sup>. No livro *História indígena*, de Maria Luiza Pinêdo Ôchoa, relata-se que nos últimos anos, em algumas comunidades, ocorre o surgimento de um espaço específico para o cultivo das plantas medicinais, chamado pelos kaxinawá de “parque” ou “parque medicinal”, onde há o cultivo de várias espécies de plantas medicinais para a cura ou tratamento paliativo de algumas enfermidades e sintomas brandos de algumas doenças<sup>5</sup>. Já o livro *Índios no Acre, história e organização*, de Sílvio Barbosa Kister, retrata sobre “os

remédios da mata”, que a mata pode proporcionar para curar muitas coisas como: falta de vontade de caçar, falta de vontade de trabalhar. Pode ainda evitar adoecer, ajudar a ficar feliz, prevenir furada por espinho, golpe, ajudar a não errar tiros, atrair mulher, tratar picada de cobra, tratar dor de dente, ajudar a ter filhos, tratar ainda queimadura, ferrada de arraia e ferrada de escorpião<sup>5</sup>.

O objetivo desta revisão foi efetuar um levantamento do conhecimento existente sobre a medicina tradicional indígena das etnias do Acre, Rondônia e Amazonas atendidas pelos DSEI Alto Rio Juruá e Alto Rio Purus, publicado em diferentes meios de comunicação.

## MATERIAL E MÉTODO

Efetuu-se revisão literária sobre as etnias indígenas do Estado do Acre ou que se associam a ele sobre o assunto terapias e formas de obtenção de curas relatadas e documentadas. A revisão incluiu dados publicados na forma de artigos científicos, livros, teses, vídeos e conteúdos de livre acesso nos meios de comunicação, como a internet. As fontes consultadas foram sites de internet, periódicos e bases de dados, como Pub-MED e Scielo. Também buscaram-se livros no catálogo da Biblioteca Nacional, da Biblioteca Central de Rio Branco e da Biblioteca da Floresta de Rio Branco, além de teses de mestrado e doutorado disponíveis online. Foram selecionadas entrevistas, blogs ou sites de livre acesso na internet e também dados disponíveis nas páginas de internet do IBGE, SIASI e SESAI na confecção deste artigo. As palavras-chaves usadas para busca nas

bases de dados encontram-se na Tabela

I.

TABELA I – Palavras chave e número de documentos encontrados em algumas bases de pesquisa de dados

| Palavras-chave em português               | Palavras-chave em inglês           | pubmed | pub med termos em ingles | scielo | periódicos capes*        |
|---|------------------------------------|--------|--------------------------|--------|--------------------------|
| <b>Saúde indígena</b>                     | indigenous health                  | 6      | 0                        | 199    | 631A/98D/78L/77R/3RT     |
| <b>Saúde indígena Acre</b>                | Acre indigenous health             | 0      | 0                        | 0      | 39A/11L/4D               |
| <b>Saúde indígena terapêutica</b>         | therapeutic indigenous health      | 24     | 0                        | 4      | 21A/16L/2D               |
| <b>Saúde indígena terapêutica Acre</b>    | therapeutic indigenous health Acre | 0      | 0                        | 0      | 2A/1L                    |
| <b>Medicina Acre</b>                      | medicine Acre                      | 24     | 94                       | 4      | 409A/91L/31RT/14R/8D     |
| <b>Medicina indígena Acre</b>             | indigenous medicine Acre           | 0      | 0                        | 0      | 26A/12L/1R               |
| <b>Medicina terapêutica indígena</b>      | indigenous medicine therapy        | 0      | 0                        | 1      | 60A/17L/2R/1D            |
| <b>Medicina indígena Acre terapêutica</b> | Acre indigenous medicine therapy   | 0      | 0                        | 0      | 2L/1A                    |
| <b>Terapêutica Acre</b>                   | therapeutic Acre                   | 0      | 0                        | 3      | 37A/16L/1D               |
| <b>Terapêutica indígena</b>               | Indian therapy                     | 0      | 0                        | 10     | 88A/21L/4D/3R            |
| <b>Terapêutica indígena Acre</b>          | indigenous therapeutic Acre        | 0      | 0                        | 0      | 2L/1A                    |
| <b>Indígena Acre</b>                      | Indian Acre                        | 0      | 0                        | 3      | 192A/36R/22L/16D/1ER/1AT |
| <b>Medicina terapêutica Acre</b>          | acre therapeutic medicine          | 0      | 12                       | 0      | 23A/13L                  |

\*A= Artigos; L= Livros; D= Dissertações;

RT= Recursos Textuais; R= Resenha;

ER= Estradas de Referencia; AT= Atas

de Congressos; AJ= Artigos de Jornais.

Para a construção deste artigo foram consideradas teses, livros, sites, vídeos, materiais técnicos e artigos científicos em periódicos nacionais ou internacionais, cujo conteúdo versava sobre sistemas de curas das etnias do Acre. Os resultados da busca foram sintetizados a partir de cada etnia. Além disso, informações sobre o uso do rapé e da “vacina do sapo” foram descritas em separado, por seu uso ser comum a

várias etnias. A tabela 2 mostra a quantidade de referências usadas para cada etnia.

TABELA 2 –Quantidade de publicações encontradas por etnia

|                     | LIVROS | TESES | ARTIGOS | SITES |
|---------------------|--------|-------|---------|-------|
| APOLIMA-ARARA       | 0      | 0     | 0       | 2     |
| ARARA SHAWÃDAWA     | 2      | 0     | 0       | 1     |
| ASHANINKA           | 2      | 0     | 0       | 2     |
| KATUKINA PANO       | 1      | 0     | 1       | 1     |
| KAXINAWÁ (HUNI KUI) | 6      | 2     | 1       | 3     |
| KUNTANAWÁ           | 1      | 0     | 0       | 2     |
| KULINA (MADIJÁ)     | 1      | 0     | 0       | 2     |
| MANCHINERI          | 2      | 0     | 0       | 1     |
| NAWA                | 2      | 0     | 0       | 2     |
| NUKINI              | 2      | 1     | 0       | 2     |
| POYANAWA            | 1      | 0     | 0       | 2     |
| SHANENAWÁ           | 1      | 0     | 0       | 1     |
| YAMINAWÁ            | 1      | 0     | 0       | 2     |
| YAWANAWÁ            | 3      | 0     | 0       | 4     |
| KAXARARI            | 1      | 0     | 0       | 2     |
| JAMAMADI            | 2      | 0     | 0       | 3     |

## RESULTADOS

### APOLIMA-ARARA

Apolimas-araras ou também denominados araras apolimas, araras do Rio Amônia<sup>6</sup>; são contabilizados 297 indígenas pertencentes a este povo no Brasil<sup>7</sup>, sendo que foram reconhecidos como etnia distinta em agosto de 2000 pela FUNAI. São falantes da língua pano e presentes nas terras indígenas arara do Alto Juruá, em regiões próximas ao Rio Amônia, em assentamento do INCRA e em terras do Exército Brasileiro no Acre<sup>8</sup>. A base de alimentação desse povo se dá pelo uso da macaxeira (mandioca, aipim), realizando a bebida *caičuma*, ou em forma de farinha. Grande parte da etnia é católica, porém, sem deixar de praticar a pajelança. Ocorre nessa tribo a separação entre pajé e curandeiro, sendo o pajé o líder espiritual, que aconselha e faz previsões, e o curandeiro é o detentor das rezas e rituais de cura. Sobre essa etnia, por ser

nova, ainda não se tem uma boa gama de publicações sobre seus rituais, ervas plantas ou instrumentos de cura, com isso, não foram encontrados registros sobre sua medicina tradicional<sup>8</sup>. Ocorrem estudos sobre esse povo feitos pelo CIMI. Acredita-se que, com a conquista da terra, o povo está voltando à sua organização tradicional, o que com o tempo favorece o estudo e a consequente compreensão do modo de vida e da cultura dele<sup>8</sup>.

### ARARA SHAWĀDAWA

O povo indígena arara shawādawa também é denominado shawanáwa, xawanáua, xawanáwa, chauã-nau, ararapina, ararawa, araraná, ararauá e tachinauá e apresenta uma população de 545 indígenas<sup>7</sup>, falantes da língua pano, pertencentes ao território indígena Arara/Igarapé Humaitá e Jaminawa/Arara do Rio Bagé do Acre<sup>9</sup>. Segundo Ricardo, 1991 os indígenas dessa etnia praticam rituais como os do

*mariri*, injeção do sapo e *sinbu*. Mariri é uma doença encontrada entre os povos panos. O *sinbu* é o ritual com o chá ayahuasca. A utilização do ayahuasca funciona nesse povo como religião e como sistema de cura. Também é descrita a “injeção do sapo” (“vacina do sapo”) *kampô*, com o consumo de *caçuma* (bebida a base de mandioca) e a utilização do rapé e do tipi. O rapé, para os shawādawas, advém de uma mistura de tabaco, raspa de osso (veado ou porco) e do “leite” do sapo *kampô*. Já o tipi é uma defumação feita com os ingredientes do rapé para que se possa ir caçar na mata<sup>10,11</sup>.

#### ASHANINKA

Os ashaninkas, também denominados kampas, encontram-se no Brasil em número de 1.291 indígenas, no Acre<sup>7</sup>, e 97.477 indígenas no Peru<sup>11</sup>, todos falantes do dialeto aruak. O povo ashaninka está presente no Estado do Acre e ocupa os territórios

Jaminawa/Envira, kampa do Igarapé Primavera, kampa do Rio Amônia, kampa e isolados do Rio Envira, kaxianwá do Rio Humatá, kaxinawá Seringal Independência, Riozinho do Alto Envira<sup>12</sup>. No que se refere à medicina tradicional indígena desse povo, as referências encontradas relatam que é comum a utilização da folha de coca, para fome e cansaço, o chá de ayahuasca e cipó (*txamayro*), consumidos nos rituais. Há também a utilização do murmuru, uma espécie de palmeira, da qual se utiliza a madeira e a palha para construção, o coco na alimentação e o óleo para banhos corporais contra uma coceira ou ferida<sup>13</sup>.

#### KATUKINA PANO

No Brasil encontram-se 594 indígenas na tribo katukina pano, os quais são falantes da língua pano e são em sua grande maioria residentes do Estado do Acre.<sup>14</sup> As tribos componentes desse povo estão presentes nas terras

indígenas do Rio Gregório e Campinas/Katukina<sup>12</sup>. Sobre a medicina tradicional indígena encontra-se na *Revista de Antropologia* da UFPR em 2012 um artigo “A gente é que sabe”, de Edilene Coffaci de Lima, relatando sobre a utilização da “vacina do sapo *kampô* ou *kampu*”. Lima (2012) descreve a utilização da “vacina do sapo *kampô* ou *kampu* por essa etnia como agente sinérgico<sup>15</sup>. A aplicação do uso do *kampô* pelos katukina também é retratado no filme *Noke haweti (Quem somos, o que fazemos)*, de 2005. Ochoa e Texeira (2006) relatam sobre o óleo de copaíba. Segundo os autores, a planta copaíba tem várias serventias, desde a alimentação até a cura e os remédios. A casca utiliza-se para luxações nos braços, pés e corpo, por meio do emplasto para a aplicação na área afetada, da folha utiliza-se a defumação com brasa, para o bebê não pegar a “doença de criança”, já o óleo é utilizado para a cura de várias doenças como

gripe, dor de garganta ou no peito, com apenas duas gotas três vezes ao dia.<sup>16</sup>

#### KAXINAWÁ (HUNI KUI)

São contabilizados sobre os huni kuis 7.535 residentes no Brasil, no Estado do Acre<sup>14</sup>, e 2.419 no Peru<sup>11</sup>. São falantes da língua pano, recebendo outras denominações como cashinauá, caxinauá, huni kuin, huni kuin<sup>17,18</sup> e estão presentes nas terras indígenas do alto do Rio Purus, no Igarapé do Caucho, na katukina/kaxinawá, kaxinawá da Colônia Vinte e Sete, kaxinawa do Baixo Jordão, kaxinawa do Rio Humatá, kaxinawa do Rio Jordão, kaxinawa do Seringal Curralinho, kaxinawa de Nova Olinda, kaxinawa Praia de Carapanã, kaxinawa Seringal Independência e kaxinawa/ashanika do rio<sup>12</sup>. Ramalho e Gavazzi estudaram o plano de gestão territorial e ambiental das três terras indígenas kaxinawá do Jordão (*Ikuāki mae Huni Kui yuraya namaki inu, yuraya mai kiri inu, mae betsa hene taraya nama*

*kiarã*) e em relação às plantas medicinais, terapias ou métodos de tratamento tradicional indígena percebe-se a necessidade de preservar as plantas medicinais, a partir dos mais velhos e dos pajés, com farmácias vivas e parques medicinais, incentivando com isso o intercâmbio de plantas medicinais entre as aldeias<sup>13</sup>. Assim, para preservar o conhecimento sobre as plantas medicinais da cultura indígena são descritas 163 plantas medicinais com desenhos ilustrativos, além de um breve relato sobre aldeia e a cultura desse povo em um capítulo ilustrativo sobre a ciência das plantas medicinais *huni kuis*, no livro *Plantas medicinais, doenças e curas do povo huni kui*,<sup>19,20</sup> em atividade apoiada pela Comissão Pró-Índio do Acre. Em uma pesquisa efetuada por Safra (2000) na Mata do Centro de Formação dos Povos da Floresta, foram encontradas, segundo a sabedoria *kaxinawá*, 14 espécies de plantas medicinais, sendo quatro antibióticos

naturais, dez calmantes para a febre, gripe, dor de cabeça e dor de dente. Dentre essas espécies constavam o tabaco-bravo, lacri, bacuru, cana-de-macaco, costela-de-macaco, costela-de-tuatu, ramo-pintado, frio, ramo-de-junta, batata-de-ramo, ramo-de-minhoca, pena-de-marido, feijó, cheiro-com-sabor-doce<sup>21</sup>. Também há estudos sobre os rituais de cura *kaxinawá* publicados na forma de livro e CD, componentes do livro *Música indígena brasileira*.

Borges e Rocha (2010) fizeram uma coletânea de informações e desenhos sobre sementes tradicionais, entre os quais se encontra descrito o uso da pimenta, tabaco e urucum. A pimenta é utilizada como ritual de batismo da memória e nos batismos do *nixpu pima*, com algumas restrições. O tabaco é usado por mais velhos quando enfadados e antes de dormir. O urucum é utilizado para festas, cicatrização de feridas e para tingir algodão<sup>22</sup>.

O *Livro da cura (Una isi kayawa)* resultou de um projeto de dois anos e meio, construído por meio de pesquisas e oficinas com os pajés das 33 aldeias das três terras indígenas kaxinawás do Rio Jordão. O livro conta com 109 espécies de plantas com a descrição de seus usos medicinais em português e em hatxa kuin, língua falada na tribo. A identificação contou com a colaboração de 21 taxonomistas de instituições brasileiras e internacionais. A realização desse livro advém do pajé Agostinho Manduca Mateus Inka Muru.

### KUNTANAWÁ

O povo kuntanawá, também denominado kontanaw, contanawa, xipáia-kuruáia, kuruaia,<sup>6</sup> é pertencente à família linguística pano e totaliza 400 indígenas, residentes no Estado do Acre, Brasil <sup>24</sup>. Os kuntanawa vivem às margens do Alto Rio Tejo, no interior da Reserva Extrativista (Resex) do Alto Juruá, localizada no extremo oeste do

Estado do Acre, no município de Marechal Thaumaturgo, na terra indígena de Sete Estrelas<sup>12, 25, 26</sup>. As informações disponíveis relatam que esse povo faz uso da ayahuasca como forma de cura e religiosamente e do rapé como auxílio no processo de cura, libertando de dores no corpo (Universosagrado, 2015). Para essa etnia o rapé tem horários e maneiras de se cheirar e toda uma mística envolvida. A Associação Sociocultural e Ambiental está desenvolvendo atualmente o projeto de reflorestamento com parceria de outras etnias, com o objetivo de fortalecer a segurança alimentar, recuperando as áreas degradadas das terras indígenas e melhorando a alimentação das famílias com o plantio de árvores frutíferas e medicinais nas aldeias kuntamanã, Sete Estrelas e Restauração.<sup>27</sup>

## KULINA (MADIJÁ)

Também denominados madijás, os kulinas são pertencentes à família linguística arawa. Localizados nas terras indígenas de kulina do Igarapé do Pau, kulina do Rio Envira, Alto do Rio Purus, jaminawá/envira e kaxinawa do Rio Humatá, têm grande abrangência e se fazem presentes em dois Estados no Brasil, Acre e Amazonas<sup>12,6</sup>. No Brasil, contabilizam-se 5.558 indígenas, a maior parte na região do Estado amazônico<sup>14</sup> e 417 no Peru<sup>11</sup>. Em relação à medicina tradicional indígena kulina, é relatado pelo Instituto Socioambiental (2015) que a doença é basicamente causada por *dori* ("feitiço") e se manifesta na forma de um objeto que entra no corpo da vítima através de inserção mágica, podendo ser uma pequena pedra, um pedaço de pau ou osso, que causará muita dor no corpo do doente. A noção de higiene de que muitas das doenças ocorrem através das fezes de humanos e animais (como os porcos), na forma de micro-organismos,

não é de costume dos indígenas, dificultando a ação de agentes de saúde. Ainda faz-se relato sobre os porcos, os quais também são frequentemente incorporados pelo xamã como animais de poder: um *tokorimé* ("espírito"). No plano físico são identificados como exemplares da própria vida social dos kulinas, por serem domesticáveis e agirem comunitariamente<sup>28</sup>. Há ainda uma cartilha produzida por Bull (2008) relatando o uso de algumas plantas indígenas na linguagem kulina.<sup>29</sup>

## MANCHINERI

Os manchineris são também denominados yines e contabilizados 15 indivíduos na Bolívia<sup>30</sup>, 997 no Brasil, no Estado do Acre,<sup>7</sup> e 90 no Peru<sup>11</sup> e pertencem à família linguística aruak. O povo manchineri ocupa atualmente uma parte da região sul do Estado do Acre, no Brasil, e outros pontos no Peru e na Bolívia. No Acre vive nas terras indígenas mamoadate e mechineri do

Seringal Guanabara.<sup>12, 30, 31</sup> Ochoa e Texeira (2006) relatam o uso medicinal de algumas plantas por esse grupo étnico, como a cajarana, para tosse da criança, e o uso do jenipapo como pintura da pele, para evitar a febre em crianças. Há relatos ainda de espécies exóticas e nativas que estão sendo plantadas e/ou manejadas em comunidades indígenas, como a goiaba, utilizando a folha para estancar o sangue de um machucado<sup>16</sup>.

#### NAWA

O povo nawa está localizado no Brasil, Estado do Acre, totalizando 423 indígenas<sup>33</sup>, falantes da família linguística pano, localizados na terra indígena denominada Nawa<sup>12</sup>. Esse povo é também denominados náua. Os nawas residem atualmente, em sua maioria, no município de Mâncio Lima, sendo possível localizar alguns integrantes desse povo em outros municípios do Estado do Acre, como

Cruzeiro do Sul, Rodrigues Alves e Rio Branco. Também existem famílias nawas residindo em outros Estados, nas cidades de Porto Velho-RO e Manaus-AM, e em outro país (Peru)<sup>34</sup> Em relação à medicina tradicional indígena nawa, o Instituto Socioambiental (ISA, 2015) descreve algumas práticas desenvolvidas, como para evitar que um caçador fique com *panema* (indisposição e incapacidade de caçar), as mulheres não podem pegar nas armas de caça nem varrer a casa quando o caçador vai sair para caçar. Se estiver com *panema*, colocam o sumo de uma folha chamada churrô no olho para enxergar e acertar a caça. O cipó do churrô também pode ser usado para fazer defumação. Para defumar, usam o tipi (uma planta) e pelos de porco, veado, anta e outras caças. Misturam tudo, colocam pimenta e fazem uma fogueira. O caçador, seus instrumentos e o cão de caça permanecem por longo tempo na fumaça. Além da defumação, para tirar

*panema* usam o pião-roxo. Com ele a mulher bate no homem, proporcionando-lhe mais sorte na caçada. Para terem mais sorte na pesca, bebem um “remédio da mata”. Para os nawas, se uma gestante comer o peixe denominado mandim ela pode ter hemorragia. Outros animais, como o jabuti, o peixe de couro e a paca também são interditados às gestantes.<sup>34</sup> Segundo relatado por Kuntanawá (2011) sobre o povo nawá, as mulheres são encarregadas de cultivar as ervas medicinais e de tratar os ferimentos, tosse, dor de barriga, assim como o costumes de se tratar com as benzedadeiras. Os nawas se consideram católicos, mas mantêm práticas e crenças da cultura dos povos panos, facilmente visíveis. Entre os produtos cultivados na aldeia encontram-se plantas medicinais: andiroba, capim-santo, copaíba, erva-cidreira, marcela e mastruz. Essas plantas podem ser usadas para o tratamento de feridas,

tosse, dor de barriga, hemorroidas, cólicas, febre e dor no estômago. Os cultivos do terreiro são realizados individualmente e estão sob os cuidados femininos, as mulheres são quem prepara a terra, plantam, limpam e colhem<sup>27</sup>.

#### NUKINI

Pertencem à língua pano, contabilizando 622 indígenas<sup>14</sup>. O povo nukini é também chamado nuquini<sup>35</sup>. Estão concentrados no Estado do Acre, na Região N Norte do Brasil. Pertencem à terra indígena demarcada com o nome de nukini.<sup>12</sup> Segundo Oliveira (2012), foi escrito um artigo sobre a trajetória de Pamani Pixtri Puxi Nukini na educação acreana, relatando sobre alguns homens jovens que estão se especializando em medicina tradicional, principalmente sobre o rapé, muito considerado e valorizado. Essa atividade faz parte dos meios de subsistência e do jeito de viver da etnia nukini hoje.<sup>36</sup> Segundo Nukini

(2001), em entrevista disse que hoje existe apenas uma mulher que possui conhecimento suficiente sobre plantas medicinais e sobre a realização de partos<sup>37</sup>.

#### POYANAWA

Presentes no Estado do Acre, totalizando 540 indígenas<sup>14</sup> e de família linguística pano, o povo puyanawa também é denominado poianaua.<sup>38</sup> Os puyanawas já habitaram as cabeceiras dos afluentes do Baixo Rio Moa. Depois do contato passaram a viver nas terras que pertenciam a um importante fazendeiro da região. Hoje os puyanawas vivem em duas aldeias, Barão do Rio Branco e Ipiranga, situadas no município de Mâncio Lima, no Acre.<sup>12</sup>

<sup>6</sup> A principal via de acesso é a estrada que é trafegável durante todo o ano. A distância entre a sede da Colocação Ipiranga e a cidade de Mâncio Lima é de 28 km. A outra opção de acesso à terra é através do Rio Moa.<sup>38</sup> Segundo o site

moviementoemmarcha.org há relatos de um trabalho em campo realizado entre julho e setembro de 2007 numa comunidade asháninka de Bajo Quimiriki, no Distrito de Pichanaqui, Departamento de Junín, no Peru, no qual foi identificada a utilização de 402 plantas medicinais, principalmente ervas. 84% das plantas medicinais eram selvagens e 63% foram coletadas da floresta. Espécimes exóticos representaram apenas 2% das plantas medicinais. Problemas relacionados à pele, sistema digestivo e a categorias próprias de seu sistema de crenças culturais representaram 57% de todas as aplicações medicinais.<sup>39</sup>

#### SHANENAWÁ

O povo shanenawá, também denominado katukina shanenawa, está presente no Brasil, no Estado do Acre, com uma população de 411 indígenas,<sup>14</sup> e é residente da terra indígena katukina/kaxinawa. É relatado no livro

*Historinhas indígenas da floresta – uma experiência de autoria dos índios do Acre* – sobre a medicina shanenawá o uso de algumas plantas (ervas medicinais) como: *bawe*, uma planta que se usada pelo homem serve para matar uma série de “bichos na cabeça”, como veado, porco, tatu, macaco, mutum. Quando a mulher a usa, serve para aprender a pintar e desenhar no corpo e no artesanato. Encontram-se relatos ainda de como usar: na lua nova, pegue as folhas e machuque, para tirar o sumo , e o coloque-o nos olhos. Também se usa esse remédio para aprender a escrever rápido e criar mais ideias. Esse uso também é comum entre outros povos (kaxinawá, manchineri, katukina, yawanawa), como relatado nesse livro<sup>20</sup>.

#### YAMINAWÁ

Os yaminawás, também denominados iaminauase jaminawas, têm família linguística pano e se localizam no Brasil, nos Estados do Acre

e Amazonas, totalizando 1.298 indígenas<sup>14</sup>, no Peru 600 indígenas<sup>11</sup> e na Bolívia 630 indivíduos em 1997.<sup>6</sup> Como dito por Oscar Calavia Sáez, tudo parece indicar que o xamanismo yaminawá tem sofrido mudanças recentes e profundas. Até 30 anos atrás via-se dominado pela figura do *niumuã*, consumidor de diversas substâncias psicotrópicas ou tóxicas, conhecedor de cantos poderosos, capaz de adivinhar o futuro das incursões guerreiras, de viajar e matar a distância<sup>40</sup>. Os yaminawás alegam que o *niumuã* não mais pode existir em tempo "de paz". O *koshuiti*, bebedor de ayahuasca e cantor, dono de uma arte curativa que maneja as mesmas artes e os mesmos símbolos, ocupa o seu lugar, não sem uma grande carga de ambiguidade. Os yaminawás têm vários *koshuiti*, que estendem suas atividades para uma clientela branca. A *koshuitia* é adquirida por meio de um longo processo iniciatório, dedicado a aprender os segredos da ayahuasca e

pontuado por uma série de provas extremamente dolorosas. É uma arte cada vez mais restrita, que a nova geração não está aprendendo<sup>41,42</sup>.

## YAWANAWÁ

Localizados no Peru, Bolívia e Brasil, os yawanawás, também denominados iauanauas, contabilizavam em 1993 um total de 324 e 630 para os dois primeiros países<sup>43</sup> e 324 indígenas segundo dados de 2010 no Brasil<sup>14</sup>. Assim, no Brasil se concentram no Estado do Acre. Para os yawanawá-araras, Vinnya *et al.* (2006) relatam a vida desse povo indígena em um livro. Nesse livro contextualizam o uso de algodão, para o fim da vida, levando o espírito embora; a pimenta, como brincadeira ou contrair a doença da pimenta; o tabaco, também associado à doença do tabaco; o cipó (*xupá*), chá ayahuasca; a batata *maniniti*, usada para curar ou em associação à ayahuasca, além do retrato da utilização de palha de

jarina seca para a alergia, em um ritual de defumação. Ainda dentro da cultura yawanawá é retratada a utilização de uma planta chamada de *manin* para a curar crianças na região da cabeça e pescoço, e outro tipo de cipó, o *sopa*<sup>44</sup>. Encontram-se registros na revista *Época*<sup>45</sup> de uma entrevista com o índio Taska sobre o *kambô*, o que também torna evidente o uso por esse povo. Funciona muito também como se fosse uma vitamina, que se dá para criança que está magra e amarela, seu uso se associa para o verme e para a preguiça. Na aldeia não tem índio preguiçoso, segundo a reportagem, pois acordam às cinco da manhã e vão pescar, se estiverem com preguiça tomam o sapo, que é para dar coragem<sup>45</sup>. Além disso, ainda temos a utilização do rapé por esse povo. Esse rapé possui um alcaloide ativado pela combustão da casca de *tsunu* durante a sua confecção, por isso as propriedades medicinais são intensas. Para os yawanawas, o rapé, a

mistura da cinza com tabaco, pode expulsar qualquer coisa ruim e malefício que possa atrapalhar a vida da pessoa, agindo no ponto em que a pessoa necessita, que é relatado no site [naturezadivina.com.br](http://naturezadivina.com.br)<sup>46,47,48</sup>.

### KAXARARI

Somando um total de 318 indígenas, o povo kaxarari, no Brasil, está presente na Região Norte, nos Estados de Amazonas e Rondônia<sup>14</sup>, e pertencente à família linguística pano. Os kaxararis vivem hoje em quatro aldeias, Marmelinho, Barrinha, Paxiúba e Pedreira, todas elas localizadas na Terra Indígena Kaxarari, na fronteira dos Estados do Amazonas e Rondônia<sup>12,49</sup>. Em relação à medicina tradicional indígena do povo kaxarari, Santos (2015) descreve o *kupá* como uma prática xamânica que provocava estados alterados de consciência, que dá porre, faz suar, sonhar e curar. Era uma espécie de lavagem feita por um tipo de

planta considerada como medicina herbal, hoje objeto de desejo comercial de poderosas empresas de medicamentos de todo o mundo. A bebida *kupá* no princípio era restrita aos homens e ingerida somente pelos mais velhos. Mulheres e crianças não participavam do ritual de abertura dos trabalhos. Curiosamente, houve casos de mulheres que atuavam como pajés e ministravam diagnósticos e curas de enfermidades de origem alegada aos espíritos. A cura muitas vezes era ministrada pelo sopro de fumaça de tabaco sobre o local ou até mesmo todo o corpo do paciente (*biakintahi*). Quando sob o efeito do *kupá*, o pajé podia ver que tipo de enfermidade ou presença espiritual estava agindo no paciente<sup>50,51</sup>.

### JAMAMADI

Pertencentes a família linguística arawá, os jamamadis, também chamados de denis, estão presentes no Estado Amazônico, totalizando um total

de 1.470 indígenas.<sup>52</sup> Os índios denis habitam uma extensa região compreendida entre os rios Juruá e Purus, nos municípios de Itamarati, Lábrea e Tapauá, no Estado do Amazonas.<sup>12</sup> Sobre a medicina aliada ao xamanismo dessa tribo, ocorrem relatos no Instituto Socioambiental<sup>53, 54</sup> de que o xamanismo é cada vez mais raro entre os denis. Tradicionalmente, os xamãs (*zupinehé*) são preparados para exercer o cargo desde os três anos de idade. De acordo com o que levantou Koop (1983), a diferença fundamental entre os xamãs e os outros homens é a presença de uma substância chamada *katuhe* em seus corpos e a habilidade de comunicar-se pessoalmente com espíritos (*tukurime*). *Katuhe* é uma cera amarela e densa extraída de colméias na floresta. O xamã mastiga essa substância antes de ter visões e comunicar-se com os espíritos. Ele pode ficar enjoado, mas depois de algumas semanas de mastigação, vomitando e dormindo em sua rede, ele

afirma que voa até o céu, onde escuta o *tukurime*. A principal atribuição do xamã da aldeia é ter visões e ligar-se ao mundo espiritual de modo que possa identificar as causas de doenças e mortes, assim como orientar a população a prevenir-se contra essas adversidades. Ainda segundo Koop (1983), quando um deni morre, o xamã busca conversar com seu espírito para determinar a causa da morte, mastigando *katuhe* até ter uma visão. Ele então desvenda o que aconteceu com o espírito da pessoa morta ou quem a agrediu. Além de curar, o xamã tem ainda algumas responsabilidades políticas.<sup>55</sup>

#### VACINA DO SAPO

A vacina do sapo é realizada com a extração de uma secreção branca da espécie *Phyllomedusa bicolor*, um anfíbio da família *Hylidae* encontrado na Amazônia. Apesar de ser uma perereca, é chamada de sapo pelos povos que vivem nas florestas (indígenas,

ribeirinhos e extrativistas). Os indígenas da língua pano (katukinas, kaxinawás) chamam esse anfíbio de *kambô* ou *kampu*, assim como também a aplicação de sua secreção (veneno) em seres humanos. Indígenas de algumas etnias retiram desse anfíbio anuro sua secreção após ser molestado e a conservam em palhetas de madeira para depois realizarem a aplicação da "vacina do sapo". Esse veneno da *Phyllomedusa bicolor* é rico em peptídeos e o animal o utiliza como mecanismo de defesa, uma vez que vários predadores podem morrer ou então ter uma experiência desagradável ao tentar ingerir esse anfíbio.<sup>56</sup>

A "vacina ou injeção do sapo" tem algumas formas de ser aplicada em uma pessoa, mas em geral queima-se com um pequeno cipó (titica) o braço, fazendo-se vários ou alguns pontos. O veneno na palheta é aplicado em cada uma das queimaduras. Os sintomas após aplicação são grande desconforto

(forte calor, náuseas, dor no estômago, vômitos, etc.) durante aproximadamente 15 minutos, tendo um grande alívio após a retirada com água do veneno sobre sua pele. Há séculos os indígenas utilizam o *kambô* como uma forma de medicina da floresta, para fortalecer o sistema imunológico e também para afastar a *panema* (má sorte). Com a colonização do Acre, seringueiros aprenderam essa técnica e atualmente a aplicação da "vacina do sapo" já ocorre em várias regiões do Brasil, especialmente nos grandes centros urbanos.<sup>57</sup>

Os katukinas panos chegam a fazer mais de uma centena de "pontos" no peito e nos braços com a secreção. Além do seu uso como estimulante cinegético e como antídoto contra a preguiça, o *kampô* pode ainda ser usado como um remédio, capaz, em virtude dos efeitos eméticos mencionados, de aliviar indisposições diversas e algumas enfermidades, como febre e malária,

entre outras<sup>58</sup>. Os efeitos secundários que as aplicações provocam (calor, rubor e inchaço da face e vômitos, principalmente) são eliminados lavando-se as pequenas queimaduras e assim retirando-se o veneno, imediatamente cessando todos os efeitos mencionados. Recomendados primeiramente para caçadores infelizes (*yupá*) ou para pessoas tidas como preguiçosas (*tikishiya*), seu uso tradicional envolve forte conotação moral<sup>59</sup>.

Muitos dos que experimentaram essa vacina gostaram, mas nada existe comprovado cientificamente sobre os possíveis benefícios da aplicação da secreção bruta desse veneno em um ser humano. Foi observado que *in vitro* peptídeos isolados do veneno de espécies de *Phyllomedusa* apresentam ação antimicrobiana contra algumas bactérias (ex. *Pseudomonas aeruginosa*), protozoários (ex. *Leishmania amazonensis*, *Plasmodium falciparum* e *Trypanosoma cruzi*) e até a

inibição também *in vitro* da infectividade do vírus HIV. Isso demonstra a grande importância que os anfíbios têm para os seres humanos, com a possibilidade de descoberta de novos medicamentos.<sup>60</sup>

## RAPÉ

O rapé é um pó feito geralmente de tabaco, outras ervas e cinzas de árvores que são moídos e transformados em um pó fino e aromático que é aspirado ou soprado pelas narinas. É usado com propriedades medicinais e cerimoniais. O tabaco xamânico é ancestral e tradicional, então, não industrializado<sup>61</sup>. O rapé é uma tradição cultural e espiritual dos povos katukina, yawanawá e de outras tribos da região. É usado como consagração depois do trabalho, para desabafar, relaxar, esfriar a memória. Pode ser usado a qualquer hora e tira o enfado físico, mental e espiritual, quando nasce um novo pensamento, uma ideia nova. O rapé é preparado usando-se tabaco e cinzas de

outras árvores, dentre elas o *tsunu*. Conforme a tradição indígena é sempre "soprado" por outra pessoa ou por quem vai tomá-lo, não se "aspira" o rapé. Soprado para dentro das narinas através de um instrumento tipo um bambu oco, o tipi, e aplicado por um pajé ou por outra pessoa e provoca uma forte reação nos mais inexperientes. Seu efeito é rápido e após isso sente-se um grande bem-estar e disposição, fora a limpeza das vias aéreas que ele proporciona.<sup>61</sup>

Além de estimulante para não pegar resfriado, o rapé também faz baixar a pressão. Também é usado para caçar e para tirar a *panema* (preguiça) e na hora da cerimônia do ayahuasca. A forma com que se aplica deve ser bem instruída, pois para a tradição indígena a forma tanto como se pega o pó da mão com o tipi, a maneira que se assopra e o que se pensa quando assopra influenciam positiva ou negativamente o trabalho. Portanto, um rapé aplicado por

duas pessoas diferentes certamente não será o mesmo e, assim, o efeito também não será igual. Também pode ser aplicado pela própria pessoa com um autoaplicador, um tipi bem curto, denominado *kuripe*. Ele é bem curto e cabe no espaço entre a boca e o nariz, é tratado como objeto pessoal<sup>61</sup>.

## CONCLUSÃO

Das 16 etnias relatadas e presentes no Acre, Rondônia e Amazonas que são atendidas pelos DSEIS ARJ e ARP foram encontradas informações sobre todas, embora os graus de conhecimento e divulgação de informação sobre cada uma são bastante heterogêneos. Há muita informação divulgada sobre a etnia kaxinawá, enquanto outras, como apolima-arara, são pouco conhecidas. Essa heterogeneidade de divulgação de informação sobre os sistemas de cura pode ser devido à dificuldade de obter esse conhecimento junto às comunidades indígenas, perda do conhecimento sobre medicina tradicional pela etnia, ou ainda divulgação em meios impressos de pouca circulação que podem não ter sido encontrados.

É interessante notar que foram encontrados poucos artigos científicos publicados sobre a medicina tradicional

indígena, algo provavelmente explicado pela enorme dificuldade de efetuar pesquisa científica sobre o tema. Além disso, a maior parte da informação vem de teses que não resultaram em artigos publicados ou livros e ainda livros com pequena tiragem, veiculados apenas no mercado local do Acre.

É possível que esta revisão não englobe todo o conhecimento disponível sobre cada etnia, dada a dificuldade de acesso a materiais não eletrônicos, como jornais, revistas e livros já esgotados ou não indexados. Entretanto, esta revisão tem o mérito de elencar várias fontes de consulta para os interessados sobre o tema.

## REFERÊNCIAS:

- 1- IBGE. Os indígenas no Censo Demográfico 2010, primeiras considerações com base no quesito cor ou raça. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE Diretoria de Pesquisas. Rio de Janeiro, 2010.
- 2- SESAI. Jornal saúde indígena em foco. Secretaria Especial de Saúde Indígena. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/secretaria-sesai>> Acesso em: 30 de julho de 2015.
- 3- GAVAZZI, R.A. Agrofloresta e Cartografia Indígena: a gestão territorial e ambiental nas mãos dos agentes agroflorestais indígenas do Acre. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas Departamento de Geografia, [dissertação de Mestrado]. USP, São Paulo, 2012.
- 4- GAVAZZI, R.A. Etnomapeamento da Terra Indígena Kampa do Rio Amônia: o mundo visto de cima. Organizador: APIWTXA, AMAAIAC, CPI/ AC. Rio Branco: 2012.
- 5- OCHOA, M.L.P. IGLESIAS, M.P.I. TEIXEIRA, G.A. Historia indígena. Comissão Pro-indio do Acre. Acre, 2003. 243.:il.
- 6- ISA, Instituto Socioambiental. Quadro geral dos povos indígenas – Povos indígenas no Brasil – disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/c/quadro-geral>> Acesso em: 03 de setembro de 2015.
- 7- SIASI/SESAI. Quadro geral dos povos indígenas. Sistema de Apoio a Saúde Indígena. Secretaria Especial de Saúde Indígena, 2012. Disponível em: <<http://portalsaude.saude.gov.br/in>

- dex.php/o-ministerio/principal/secretarias/secretaria-sesai> Acesso em: 30 de julho de 2015.
- 8- PADILHA, Lindomar. Apolima-Arara, Luta pela garantia de seus direitos. Disponível em: <[http://www.amazonlink.org/amazonia/culturas\\_indigenas/povos/apolima\\_arara.html](http://www.amazonlink.org/amazonia/culturas_indigenas/povos/apolima_arara.html)> Acesso: agosto de 2015.
- 9- CORREIA. C.S. Arara Shawãdawa: Introdução. Julho, 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/arara-shawadawa>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 10- CORREIA. C.S. Arara Shawãdawa: Cosmologia e rituais. Instituto socioambiental. julho, 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/arara-shawadawa/1247>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 11- INEI. Dirección Técnica de Demografía e Indicadores Sociales del Instituto Nacional de Estadística e Informática (INEI). Centro de Edición de la Oficina Técnica de Difusión del INEI. Lima, Peru; 2007.
- 12- RICARDO, B. RICARDO, F. Povos Indígenas do Brasil: 2001-2005. São Paulo: Instituto socioambiental, 2006
- 13- RAMALHO, A.L.M; GAVAZZI, R.A. Ikuãki mae Huni Kui yuraya namaki inu, yuraya mai kiri inu, mae betsa hene taraya nama kiarã. Plano de gestão territorial e ambiental das três terras indígenas Kaxinawá do Jordão. Rio Branco: Comissão Pró-Índio do Acre, 2012
- 14- FUNASA. Ministerio da saúde. Fundação Nacional da Saúde. Relatório de gestão, 2010. Disponível em:

- <<http://www.funasa.gov.br/site/>>  
Acesso em: 17 de agosto de 2015
- 15- LIMA, Edilene Coffaci. Revista de Antropologia: “A gente é que sabe” ou sobre as coisas katukina (pano). Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2012.
- 16- OCHOA, M.L.P. TEIXEIRA, G.A. Aprendendo com a antureza e conservando nossos conhecimentos culturais. Rio Branco, AC. Organização dos Professores Indigenas do Acre. Comissão Pró-Índio do Acre, 2006. 128p.
- 17- LAGROU, E.M. Huni Kuin (Kaxinawá): Introdução. Instituto socioambiental. Novembro, 2004. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxinawa>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 18- LAGROU, E.M. Huni Kuin (Kaxinawá): Xamanismo. Instituto socioambiental. Novembro, 2004.
- Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxinawa/396>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 19- CONSTANTINO, P.A.L. FORTINIC, L.B. KAXINAWAD, F.R.S. Kaxinawad, A.M. KAXINAWAD, E.S. KAXINAWAD, A.P.K. KAXINAWAD, J.K. KAXINAWAD, J.P. Indigenous collaborative research for wildlife management in Amazonia: The case of the Kaxinawá, Acre, Brazil. Conservação Biológica. Elsevier. Volume 141, Issue 11, novembro de 2008, Pages 2718-2729
- 20- ----- . Kaxinawá, Shawadawa, Manchineri, Katukina, Yawanawa. Historinhas Indigenas da floresta. Uma experiência de Autoria dos Índios do Acre, Programa Crer Para Ver. Rio Branco, Acre, Julho de 2001.
- 21- ----- . Caderno de Pesquisa – 2ª Edição – Rio Branco 2000,

- Comissão Pro Índio do Acre - Setor de Agricultura e Meio Ambiente. (SAFRA, 2000)
- 22- BORGES, D.R.; ROCHA, F.R. Huni Kuine Yunu Heshe Xarabu Una: sementes tradicionais, elaboração e desenhos Agentes Agloflorestais Indígenas HuniKui. Professores Indígenas HuniKui. Rio Branco: EAPROF, 2010.
- 23- KUNTANAWA, H. Projeto Corredor Pano. Povo Kuntanawá, 2011. Disponível em: <<http://corredorpano.blogspot.com.br/p/povo-kuntanawa.html>> Acesso em: 11 de agosto de 2015
- 24- Nova cartografia social da Amazônia: Kuntanawa do Alto Rio Tejo Alto Juruá, Acre / Alfredo Wagner Berno de Almeida (Coord); autores, Terri Valle de Aquino, Mariana Ciavatta Pantoja Franco. – Rio Branco, Acre : Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia / UEA Edições, 2009. 12 p. : il. ; 25 cm.
- 25- PANTOJA, M.C. Kuntanawa: Introdução. Instituto socioambiental. Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxinawa/396>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 26- PANTOJA, M.C. Kuntanawa: Uso ritual da ayahuasca. Instituto socioambiental. Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kuntanawa/2015>> Acesso em: 18 de agosto de 2015
- 27- KUNTANAWA, H. Projeto Corredor Pano. Povo Kuntanawá, 2011. Disponível em: <<http://corredorpano.blogspot.com.br/p/povo-kuntanawa.html>> Acesso em: 11 de agosto de 2015
- 28- SILVA, D.B. Instituto socioambiental. julho, 2003. Disponível em:

- <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kulina>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 29- BULL, R. MADIHADENI MADIHADENI KHA WIMA KHA WIMA KHA WIMA KHA WIMA KHA WIMA ZAMA DOPE ZAMA DOPE ZAMA DOPE ZAMA DOPE ZAMA DOPE KHA HEMEZI KHA HEMEZI KHA HEMEZI KHA HEMEZI KHA HEMEZI TAMINE TAMINE TAMINE, 2008. Disponível em: <<http://comin.org.br/static/arquivos-publicacao/plantas-medicinais-1229103585.pdf>> Acesso em: 19 de agosto de 2015.
- 30- INE. Instituto Nacional de Estatística, 2001. Manchineri. Bolívia. Disponível em: <<http://www.ine.gob.bo/>> Acesso em: 1 de Agosto de 2015.
- 31- MERCANTE, M.S. Manchineri: Introdução. Instituto socioambiental. Fevereiro, 2006. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/manchineri>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 32- MERCANTE, M.S. Manchineri: Xamanismo e rituais. Instituto socioambiental. Fevereiro, 2006. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/manchineri/721>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 33- CORREIA, C.S. Nawa: Aspectos cosmológicos. Instituto socioambiental. Novembro, 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/nawa/823>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 34- CORREIA, C.S. Nawa: Introdução. Instituto socioambiental. Novembro, 2005. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/nawa>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 35- CORREIA, C.S. Nukini: Introdução. Instituto socioambiental. Setembro,

2005. Disponível em: <  
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/nukini>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 36- OLIVEIRA, A.F. Yawa-nawa: aliança e pajés nas cidades. [dissertação de mestrado] Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. SC, 2012. 235p.
- 37- FERREIRA, P.R.N. Nukini, em busca da cultura ancestral. Disponível em: <  
[http://www.amazonlink.org/amazonia/culturas\\_indigenas/povos/nukini.html](http://www.amazonlink.org/amazonia/culturas_indigenas/povos/nukini.html)> Acesso em: 25 de julho de 2015.
- 38- ----- . Puyanawa: Introdução. Equipe de edição da Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil. Instituto socioambiental Agosto, 2010. Disponível em: <  
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/puyanawa> > Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 39- ----- . Movimento em marcha, MM. Grupos indígenas, Acre. 12 de Agosto de 2014. Disponível em: <  
[http://www.movimentoemmarcha.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=50&Itemid=59](http://www.movimentoemmarcha.org/index.php?option=com_content&view=article&id=50&Itemid=59)>
- 40- SÁEZ, O.C. Yaminawá: Arte e Cosmologia. 1998. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <  
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yaminawa/1189>> Acesso em: 13 de agosto de 2015.
- 41- SÁEZ, O.C. Yaminawá: Introdução. 1998. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <  
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yaminawa>> Acesso em: 13 de agosto de 2015.
- 42- SÁEZ, O.C. Yaminawá: Xamanismo. 1998. Universidade Federal de Santa Catarina. Disponível em: <  
<http://pib.socioambiental.org/pt/povo>

- o/yaminawa/1188> Acesso em: 13 de agosto de 2015.
- 43- NAVEIRA, M.C. Yawanawá: Introdução. Instituto socioambiental. outubro, 1999. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yawanawa>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 44- VINNYA, A.L. OCHOA, M.L.P. TEIXEIRA, G.A. (Orgs.). Costumes e Tradições do Povo Yawanawá. Comissão Pró-Índio do Acre / Organização dos Professores Indígenas
- 45- ARANHA, A. Entrevista com índio Tashka sobre kambô. Exclusivo online, Revista Época. Editora Globo S.A. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT1113503-1655,00.html>> Acesso em: 3 de setembro de 2015.
- 46- ----- . Natureza divina, plantas sagradas, raras e exóticas. Rapé indígena TSUNU - Tribo Yawanawa. Disponível em: <[http://www.naturezadivina.com.br/loja/product\\_info.php?products\\_id=379&osCsid=6r82kq9j0h302nfmuk22oji5s7](http://www.naturezadivina.com.br/loja/product_info.php?products_id=379&osCsid=6r82kq9j0h302nfmuk22oji5s7)> Acesso em: 3 de setembro de 2015.
- 47- NAVEIRA, M.C. Yawanawá: Rituais. Instituto socioambiental. outubro, 1999. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yawanawa/1208>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 48- NAVEIRA, M.C. Yawanawá: Xamanismo. Instituto socioambiental. outubro, 1999. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yawanawa/1207>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 49- ----- . Kaxarari: Atividades produtivas. Equipe de edição da Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil. Instituto socioambiental. Outubro, 2009. Disponível em:

- <http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxarari/2089>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 50- ----- . Kaxarari: Introdução. Equipe de edição da Enciclopédia Povos Indígenas no Brasil. Instituto socioambiental. Outubro, 2009. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kaxarari>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 51- SANTOS, E.D.S. Kaxarari: de massacrados a organizados. Disponível em: <[http://www.amazonlink.org/amazonia/culturas\\_indigenas/povos/kaxarari.html](http://www.amazonlink.org/amazonia/culturas_indigenas/povos/kaxarari.html)> Acesso em: 28 de agosto de 2015.
- 52- SIASI/SESAI. Quadro geral dos povos indígenas. Sistema de Apoio a Saúde Indígena. Secretaria Especial de Saúde Indígena, 2013. Disponível em: <[http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-](http://portalsaude.saude.gov.br/index.php/o-ministerio/principal/secretarias/secretaria-sesai)
- [pib.socioambiental.org/pt/povo/deni](http://pib.socioambiental.org/pt/povo/deni)> Acesso em: 30 de julho de 2015.
- 53- CHAVES, R.P.R.C. Deni: Introdução: Instituto socioambiental. setembro, 2003. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/deni>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 54- CHAVES, R.P.R.C. Deni: Xamanismo e rituais. Instituto socioambiental. setembro, 2003. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/deni/476>> Acesso em: 18 de agosto de 2015.
- 55- KOOP, Gordon; LINGENFELTER, Sherwood G. Os Dení do Brasil Ocidental : um estudo de organização sócio-política e desenvolvimento comunitário. Dallas : Museu Internacional de Cultural, 1983.

- 56- GESISKY, J. 2004. Descoberta nova espécie de perereca. *Ciência Hoje* 34(201):40-41.
- 57- SOUZA, M. B. 2009. Anfíbios – Reserva Extrativista do Alto Juruá e Parque Nacional da Serra do Divisor, Acre. Série Pesquisa e Monitoramento Participativo em Áreas de Conservação Gerenciadas por Populações Tradicionais. Volume 2. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) Unicamp, Campinas, 77 p.
- 58- KRUGLIAK, M.; FEDER, R.; ZOLOTAREV, V. Y.; GAIDUKOV, L.; DAGAN, A.; GINSBURG, H. & MOR, A. 2000. Antimalarial activities of dermaseptin S4 derivatives. *Antimicrob. Agents Chemother* 44:2442-2451.
- 59- LIMA, E. C. & LABATE, B. C. 2007. “Remédio da Ciência” e “Remédio da Alma”: Os usos da secreção do Kambô (*Phyllomedusa bicolor*) nas cidades. *Campos* 8(1):71-90.
- 60- BRAND, G. D.; LEITE, J. R.; MANDEL, S. M. S.; MESQUITA, D. A.; SILVA, L. P.; PRATES, M. V.; BARBOSA, E. A.; VINECKY, F.; MARTINS, G. R.; GALASSO, J. H.; KUCKELHAUS, S. A. S.; SAMPAIO, R. N. R.; FURTADO, J. R.; ANDRADE, A. C. & BLOCH JR., C. 2006. Novel dermaseptins from *Phyllomedusa hypochondrialis* (Amphibia). *Biochem. Biophys Res. Commun.* 347:739-746.
- 61- GUIMARAES, R. Rapé: sua utilização e indicações. São tome das letras, minas gerais. Brasil, 2010. Disponível em : <<http://medicinadarainha.blogspot.com.br/2010/04/rape-sua-utilizacao-e-indicacoes.html>> Acesso: 2 de setembro de 2015.